

Banal tríptico: poder, território, som¹

Jorge de La Barre (UFF-PPGA/RJ)

Resumo:

Partindo de algumas das preocupações refletidas nos trabalhos de Raymond Murray Schafer sobre as paisagens sonoras, propomos nesta contribuição uma leitura do mundo contemporâneo em termos de territórios sonoros. A “afinação do mundo” poderá ser caracterizada pela banalização do uso sonoro na ocupação dos territórios urbanos, públicos ou privados. Se os sons homogeneizados das cidades modernas podem ser contemplados ainda em termos de paisagens, a instrumentalização dos sons remete talvez mais adequadamente ainda para os processos de territorialização que vêm facilitados pelas tecnologias de mediação. No momento em que a ocupação sonora do espaço se torna metáfora banal para uma ocupação integral, as paisagens sonoras vão se reterritorializando via uma ocupação particular: a ocupação sonora do território.

Palavras-chave:

Biopoder, Micropolítica, Territórios sonoros.

Poderíamos começar pensando numa composição de George Gershwin, “*A Foggy Day (in London Town)*”, reinterpretada e transplantada em São Francisco por Charles Mingus em 1956 (“*A Foggy Day (in San Francisco)*”). No início e no fim do tema sobretudo, os sons da cidade são imitados com instrumentos reais e documentam o trânsito, o buzino dos carros e táxis, a efervescência da cidade moderna. Mingus propõe assim uma espécie de encenação musical daquilo que poderia ser uma paisagem sonora

¹ Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

shaferiana. Ao mesmo tempo, ao realocar “*A Foggy Day*” em São Francisco, Mingus ilustre também implicitamente uma das mais perspicazes preocupações de Raymond Murray Schafer (1994, 1997): a crescente homogeneização dos sons nas cidades enquanto processo involuntário (porém necessário) da modernização. Nesse sentido, a experiência sensorial urbana de um *foggy day* em São Francisco já não seria tão distinta da mesma em Londres, São Paulo, ou Belo Horizonte².

O projeto das paisagens sonoras de Schafer entende-se como a necessidade sentida de documentar, resgatar, mapear os sons distintos e específicos das cidades, à medida em que justamente, essa especificidade acústica dos lugares vai se perdendo, deixando cada vez mais espaço aos sons e ruídos homogeneizados da modernidade nas cidades. Nos tempos modernos definidos e determinados primeiramente pela produção industrial, os sons, os ruídos eram epifenômenos, necessários mas não suficientes, do projeto de modernidade: eram os sons *naturais* da circulação, da deslocação, dos transportes públicos, do trânsito; era o som da fábrica – talvez o mais emblemático da modernidade enquanto projeto, projeção, marcha rumo ao progresso inelutável traçado pelas ciência e técnica. Esses sons não eram em si desejados nem encenados, eram consequência, efeito secundário de algo maior definido essencial e primeiramente pela *função* dos lugares em questão na ordem da produção, e pelas necessidades decorrentes e propriamente modernas de fluxos de circulação, mobilidade, etc.

Na pós-modernidade por contraste, o espaço, os lugares vão perdendo suas funções específicas à medida em que se tornam pós-industriais, *pós-produção* literalmente, e que vão sendo revitalizados. Os lugares se tornam significantes ambivalentes de uma estrutura vazia caracterizada pela ausência de função pre-determinada. O efeito da revitalização é precisamente de “idealizar” (Muniz, 2009) o lugar, sem (re)defini-lo a partir de uma lógica funcional determinada, operando no entanto uma *pre-codificação* do lugar enquanto lugar multi-funcional, feito de

² Ao evocar a cidade de Belo Horizonte, pensemos nas músicas compostas por Milton Nascimento e o Clube da Esquina, que de certa forma também levavam os sentimentos nostálgicos de Schafer pelos sons esquecidos, desaparecidos, pela memória da terra e do campo, pela vida pre-urbana, pre-moderna. Estética saudosista, que o *thrash metal* dos Sepultura vai confrontar de forma tão radical no início dos anos 1990, na mesma cidade de Belo Horizonte que no entanto tenha entrado na pós-modernidade (Avelar, 2002).

potencialidades permitindo uma multiplicidade de territorialidades, todas pensadas como provisórias e flexíveis. Os projetos de revitalização, requalificação, reabilitação, etc., são também projetos ambíguos de *ressignificação*, na medida precisamente em que eles se recusam a fechar um significado específico para o lugar. Pelo contrário, a ambição é deixar abertas todas as potencialidades – performáticas, empíricas, interativas, participativas, etc. –, de significações territorializantes. É nesse sentido que a abertura e a flexibilidade ostentadas na produção dos lugares pós-modernos é paradoxalmente precodificada. Em termos de poder, passamos então do poder de definir os lugares em termos de função na ordem produtivista, ao poder de *não* os definirem na ordem consumista. Para utilizar os termos deleuzianos, isso permite acolher e transcrever qualquer forma de subjetivação territorial, qualquer forma de devir, de projeto micropolítico na meta-narrativa cultural, no sentido mais genérico (e hegemônico) possível, sendo entendido que na pós-modernidade *tudo é cultura* ou seja, a cultura chega a ocupar o espaço integral da experiência social humana (Cusset, 2006; Juvín e Lipovestky, 2010). A estrutura aparentemente vazia dos lugares deliberadamente deixados *sem função* esconde de fato uma híper-codificação dos mesmos, codificação que vai precisamente permitir a reciclagem de virtualmente todas as potencialidades micropolíticas na ordem superior da Lei, do biopoder ou, para retomar a expressão de Brian Holmes (2009), do “*overcode*”.

Em termos de som, a transição, da era moderna definida pela produção, para a pós-modernidade definida pelo consumo pós-produção, pode ser ilustrada pela saída das paisagens sonoras enquanto ambientes *naturais* (os sons da fábrica eram ruídos necessários mas não suficientes para uma função produtiva determinada), e a entrada em cena dos territórios sonoros, ou das territorializações sonoras enquanto processos performativos³. Esses processos vão criar e representar sentidos de lugar e de pertença agora flexíveis, transitórios, provisórios, efêmeros – em perfeita sintonia aliás com a

³ Tentei num artigo anterior uma ilustração dessa transição das paisagens sonoras para os territórios sonoros a partir do exemplo de dois filmes da primeira metade dos anos 1990, nos quais a trilha sonora ocupa um papel importante na estrutura narrativa – *Until the End of the World*, de 1991, e *Lisbon Story*, de 1994 (ambos dirigidos por Wim Wenders) (La Barre, 2012).

experiência urbana contemporânea nas cidades flexíveis (Sennett, 2001, 2006). Da mesma forma que Zukin (1996) definiu a paisagem urbana pós-moderna a partir da centralidade do consumo visual, temos uma produção performativa de territorialidades através do consumo auditivo.

Passando da ordem da produção à ordem do consumo visual e auditivo, os lugares pós-modernos são também (re)definidos – sem grande surpresa – pela flexibilidade. Os sons já não são os ruídos naturais da ordem da produção mas sim os sons encenados, *produzidos* no âmbito de dar um sentido de lugar, de *representar* o lugar no sentido performativo. A variedade das representações e apropriações possíveis dos lugares vai produzir uma variedade equivalente de sentidos do lugar, conforme os momentos e contextos da performance. Sentidos efêmeros, transitórios, provisórios: sentidos flexíveis. Por serem tão procurados e valorizados, esses sentidos não deixam de ser meros efeitos do efêmero, produtos ambivalentes de uma encenação híperrealizada por representações performativas cada vez mais participativas do próprio lugar assim (re)territorializado temporariamente, e no qual a dimensão áudio-visual chega a ocupar um espaço integral: espaço daquilo que poderíamos chamar políticas de imersão e de (re)encanto.

Implícita ou explicitamente pensada para estimular a imaginação e dar precisamente o sentido de pertença ao lugar territorializado, a *autenticidade* (imaginada) da experiência de imersão-participação não deixa de ser pre-codificada, graças sobretudo às tecnologias de mediação. De fato, a (re)encenação pós-moderna do lugar *audio-visualizado* (audiovisualmente híperrealizado) e assim (re)territorializado, produz uma espécie de *ready-made* territorial definido essencialmente pelos transitório, provisório e flexível, e pela contingência da própria performance enquanto evento cultural banal (no sentido de previsível) que vai – também banalmente – torna-la *única* (apesar do próprio evento poder perfeitamente ser repetível, reproduzível, isto é *itinerante* no circuito da cultura global, portanto fundamentalmente flexível). Ao contrário do lugar definido na modernidade por sua função específica na ordem da produção, o pós-moderno (pós-industrial, pós-produção,...) vai redefinir (e não menos pre-codificar) o lugar, precisamente num regime de *ausência de função a priori*. Assim vem o lugar pós-

moderno pre-codificado, pensado e desenhado de forma aberta e interativa num dispositivo tecnológico que deve permitir, facilitar, mediar, repetir, simular, etc., *todas* as funções potenciais – recebendo indiferentemente qualquer forma de subjetivação territorial. Esse seria o lugar-território característico da pós-modernidade: aberto e flexível, tecnológico e interativo. Concebido e desenhado de cima para baixo, esse tipo de lugar é de fato pensado como *meta-lugar* capaz de um grande poder de adaptação e capaz de fornecer aos *usuários* os sentidos de lugar e pertença adequados, todos provisórios e flexíveis, todos *on demand*:

“(...) o *lugar* definido por barreiras que limitam um dentro e um fora, ou condicionantes temporais, como por exemplo a existência de uma história ou tradição própria, parece ser superado no momento em que este mesmo *lugar* passa a ser pensado como evento, como acontecimento, como conjunto de relações sociais que conformam uma teia em constante mutação, podendo ou não estar apoiada em um substrato material.” (Sant’Anna, 2009).

Produtos de uma modelização teoricamente sem falha, os lugares-territórios flexíveis vão cada vez mais sendo *implementados* na vida real (Waal, 2011). Mais do que multi-funcional propriamente dito, o lugar-território pós-moderno se caracteriza pela ausência de função, ou seja pela *meta*-funcionalidade. Pensemos no espaço *lounge* como o lugar-território talvez mais emblemático, metáfora perfeita da pós-modernidade hípertecnológica avançada. Ao mesmo tempo “paisagem de sonho” (Zukin, 1996) *faux* e autêntico (de fato *autenticamente novo* na história dos espaços funcionais), o *lounge* é uma mistura sutil de exótico-familiar e de perfeitamente genérico, pensado e concebido tanto para o trabalho quanto para o lazer ou o *chillout*. (Adequadamente selecionados, os ambientes sonoros e outros *DJ mix* irão transportar, ainda na imaginação, o nómada-utilizador para outros lugares e estilos de vida). Híperconetado, o *lounge* é espaço criativo, espaço inteligente. Híper (ou meta) funcional, é um lugar não menos *fusional*. Espaço-máquina interativa, reativa e proativa, é uma tecno-utopia híperrealizada, que vai inventando a perfeita osmose homem-ambiente, é um território-matriz onde o ambiente é

extensão do homem, e o híbrido conetado ao mundo. O *lounge* não para de ser híperflexível pois, além de multi-funcional a sua *potencialidade* seria de adaptar-se, adotando os contornos de quem o ocupar transitoriamente, *conformando-se* (no sentido literal) o mais adequadamente possível aos desejos flexi-territoriais de qualquer um dos seus usuários “em trânsito” (Toop, 2002), treinando e aperfeiçoando ao mesmo tempo a flexi-capacidade de qualquer um de se sentir “em casa” (Urry, 2001) em qualquer um desses lugares-territórios flexíveis. É claro que o *lounge* é só um exemplo desses lugares inteligentes a serem implantados *na vida real* com cada vez mais frequência.

Na ordem da modernidade produtivista, era difícil – mas não impossível – desviar os lugares das suas respectivas funções (as intervenções político-artísticas dos dadaístas, surrealistas, situacionistas apostavam precisamente nesse tipo de desafio). Na ordem da pós-modernidade consumista, mais difícil parece desviar os lugares da sua meta-função pensada e pre-codificada como capacidade de interagir e adaptar-se híper-flexivelmente a qualquer subjetivação territorial. Pois na era pós-industrial, a cultura (ou seja: *tudo*) vem ocupar o espaço deixado pelas *antigas* funções de produção moderna, agora obsoletas. Nesse sentido, a cultura também é que se tornou híper, ou meta-cultura.

Quando os lugares já não são definidos pela simples equivalência “lugar l <=> função f” mas sim pela multiplicidade de potencialidades, a inovação e a participação são altamente encorajadas, e mesmo estimuladas. Elas é que vão (provisoriamente) produzir o lugar enquanto territorialização subjetiva a partir nomeadamente das tecnologias de mediação, que são também tecnologias de imersão. Torna-se difícil imaginar nesses sentidos, quais possíveis “contra-usos” (Leite, 2002) desses lugares-territórios justamente desenhados para abraçar flexivelmente qualquer um ou outro (uso ou usuário). A não ser que:

“(…) o excesso de artificialismo, o pensamento operacional e a ação instrumental [encontrem] a oposição tanto de práticas sociais enraizadas nos lugares como dos conhecimentos acumulados pelo denominado, por Milton Santos (1994), *homem lento*. Para este autor, este é o homem que conhece os lugares, que necessita deste conhecimento para a sua sobrevivência e que, portanto, constrói, em meio a todos

os desafios, o período histórico que sucederá o que atualmente vivemos.” (Ribeiro, 2005).

Pois, o período pós-moderno caracteriza-se por uma ambição propriamente irracional e contra-produtiva (precisamente pelo seu excesso de racionalidade) de formatar integralmente os lugares-territórios conforme as suas mapas virtuais modelizadas e flexivelmente idealizadas, eliminando do mesmo gesto a própria possibilidade de enraizamento, essência de uma condição humana (ainda) inscrita no decorrer histórico.

Referências

Avelar, Idelber (2002). “Defeated Rallies, Mournful Anthems, and the Origins of Brazilian Heavy Metal”, in Perrone, Charles A., and Dunn, Christopher (ed.), *Brazilian Popular Music & Globalization*, London & New York: Routledge, p. 123-135.

Cusset, François (2006). *La décennie. Le grand cauchemar des années 1980*. Paris : La Découverte.

Holmes, David (2009), “Guattari’s Schizoanalytic Cartographies or, the Pathic Core at the Heart of Cybernetics”, *Continental Drift, the Other Side of Neoliberal Globalization*, <http://brianholmes.wordpress.com/2009/02/27/guattaris-schizoanalytic-cartographies/> (acesso 30 de maio de 2012).

Juvin, Hervé, et Lipovetsky, Gilles (2010). *L’occident mondialisé. Controverse sur la culture planétaire*. Paris: Grasset.

La Barre, Jorge de (2012). “A outra afinação do mundo: os territórios sonoros”, *Revista Interfaces*, UFRJ-CLA, no. 16, I/2012 (em preparação).

Leite, Rogério Proença (2002), “Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na *Manguetown*”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, no. 49, junho 2002, p. 115-134 <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a08v1749.pdf> (acesso 28 de maio de 2012).

Muniz, Leonardo Antônio (2009). “Espaço e Poder. O cotidiano urbano e a percepção do espaço-tempo geográfico”, http://colunassemanais.blogspot.com.br/2009/04/o-cotidiano-urbano-e-percepcao-do_5039.html (acesso 21 de maio de 2012).

Ribeiro, Ana Clara Torres (2005). “Outros territórios, outros mapas”, *OSAL: Observatorio Social de América Latina*, año 6, no. 16 (jun. 2005), Buenos Aires: CLACSO, 2005, <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16TRibeiro.pdf> (acesso 21 de maio de 2012).

Sant’Anna, Marcus Vinícius (2009). “Outras centralidades, outros territórios: repensando a idéia de lugar”, *Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades*, no. 4, mai-out 2009, <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n4/pdf/outrascentralidades.pdf> (acesso 21 de maio de 2012).

Santos, Milton (1994). *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC.

Schafer, Raymond Murray (1997). *The Tuning of the World*. New York: Knopf.

Schafer, Raymond Murray (1994). *The Soundscape: Our Sonic Environment and the Tuning of the World*. Rochester, Vermont: Destiny Books.

Sennett, Richard (2001). “A Flexible City of Strangers”, *Le Monde Diplomatique*, February 2001, <http://mondediplo.com/2001/02/16cities> (acesso 14 de maio de 2012).

Sennett, Richard (2006). *The Culture of the New Capitalism*. Yale University Press.

Toop, David (2002), “Life in Transit”, in *Sonic Process. A New Geography of Sounds*, Barcelona: MACBA/ACTAR, p. 59-72.

Urry, John (2001). “Globalising the Tourist Gaze”, Lancaster University, <http://www.lancs.ac.uk/fass/sociology/papers/urry-globalising-the-tourist-gaze.pdf> (acesso 14 de maio de 2012).

Waal, Martijn de (2011), “The Ideas and Ideals in Urban Media Theory and Design”, *The Mobile City. Mobile Media & Urban Design*, <http://www.themobilecity.nl/2011/12/01/the-ideas-and-ideals-in-urban-media-theory-and-design/> (acesso 21 de maio de 2012).

Zukin, Sharon (1996). “Paisagens urbana pós-modernas: mapeando cultura e poder”, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, no. 24, <http://www.scribd.com/doc/20885368/Zukin-Paisagens-urbana-posmodernas-Mapeando-cultura-e-poder#download> (acesso 27 de maio de 2012).